

Marcas da oralidade em textos jornalísticos da Globo e da Rádio CBN

pg 63-80

Reinaldo César Zanard¹

Letícia Jovelina Storto²

Resumo

Se comparado ao texto escrito, o texto falado apresenta características específicas, as quais decorrem, principalmente, do seu processo de construção. Fala e escrita, apesar de serem duas modalidades de uso da língua complementares, são distintas no modo de produção, recepção e em seus traços. O texto falado, foco deste estudo, tem como marcas básicas planejamento local, contexto comum partilhado e envolvimento entre os interlocutores da interação. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar as marcas da oralidade no texto do comentarista de economia da Rede Globo (Jornal da Globo) e da Rádio CBN, Carlos Alberto Sardenberg. Compõem o corpus deste trabalho dez textos, sendo cinco de cada veículo, escolhidos aleatoriamente em um espaço de três meses. A teoria que embasa o estudo está fundamentada na Análise da Conversação, especialmente nos textos do professor Luiz Antônio Marcuschi. A análise do referido material permite afirmar que o comentarista executa a sua fala simultaneamente ao planejamento, deixando marcas evidentes da língua falada no processo de construção do seu texto, diferentemente de outros comentaristas que optam por escrever o texto previamente para ser lido diante dos microfones. Entre essas marcas destacam-se hesitações, correções, falas simultâneas, truncamentos, monitoramento da fala, falsos começos, envolvimento e repetições.

Palavras-chave: Língua falada; Jornalismo; Rádio; Televisão.

TRADEMARKS OF ORALITY IN JOURNALISTIC TEXTS OF *GLOBO* AND *CBN RADIO*

Abstract

The spoken text presents specific characteristics if compared to the written text. These differences exist mainly because of the way they are produced. Therefore, the spoken text has as marks elements of local planning and interaction. This work goal is to analyze the oral marks in the text of economics commentator of “Rede Globo” (Jornal da Globo) and Rádio CBN, Carlos Alberto Sardenberg. Composes the corpus of this work ten texts chosen randomly, five of each way of communication, randomly chosen in a period of three months. The theory that bases the study is based on the Analysis of the Conversation, especially in the texts of professor Luiz Antônio Marcuschi. The analysis of referred material aloud to affirm that the commentator does his lines simultaneously with the planning, leaving evident marks of the spoken language in the process of his text’s construction, differently of others commentators who choose to write the text previously to be read in front of the microphone. Of all these marks, stand out the hesitation, corrections, simultaneous speaks, abrupt cutting in, speaks monitoring, fake beginnings, involving and repetitions.

Keywords: Spoken language; Journalism; Radio; Television.

¹ Doutorado em Estudos da Linguagem (UEL), e-mail rczanardi@gmail.com

² Doutorado em Estudos da Linguagem (UEL), e-mail leticiajstorto@gmail.com, professora adjunta da Universidade do Norte do Paraná.

Considerações Iniciais

Muitos autores defendem e sistematizam teorias para explicar a língua. Castilho (2004, p.11) lembra que existem três grandes modelos de teoria para a interpretação da linguagem. A primeira é a que toma a língua como atividade mental, que a reconhece como uma capacidade inerente ao ser humano. A segunda postula a língua como estrutura, em um sistema composto de signos. A terceira teoria trata a língua como atividade social, por meio da qual as pessoas veiculam informações, externam sentimentos e agem sobre o outro.

Nesse sentido, a língua é parte do patrimônio de uma população, o qual pode ser entendido do ponto de vista social e cultural, trazendo características desenvolvidas e moduladas ao longo dos tempos. A língua como atividade social pressupõe um fenômeno natural ao ser humano, que lhe permite apreender os conteúdos, dando-lhes um significado, que depende de uma série de fatores, como o contexto e a ideologia dos envolvidos na situação.

É nesse processo de comunicação entre os indivíduos que ocorre um fenômeno importante para o estudo da língua e da linguagem: a interação, compreendida como o fator que une pessoas e grupos num processo contínuo de interpretação em que os significados são construídos e reconstruídos. Portanto, uma das características fundamentais da interação é a reciprocidade.

Transposta para o estudo da língua, a interação assume uma condição importante porque, por meio dela, ocorre o envolvimento dos interlocutores e, a partir disso, a construção do texto, principalmente, na língua falada, já que modalidade linguística apresenta uma série de características distintas da escrita.

A produção do texto oral revela, então, toda a complexidade de seu processo de construção, já que planejamento e realização linguística

se estabelecem numa progressão linear, determinada pelas atividades desenvolvidas entre os interlocutores na situação discursiva (ANDRADE, 1998, p.2).

Nesse sentido, este trabalho tem o objetivo de analisar o texto falado no jornalismo de rádio e de televisão em um produto específico: o comentário. Como o texto produzido para o rádio e a televisão dispõe de grande variedade de produção e, portanto, de estilo, como será visto à frente, foi escolhido como objeto de estudo o texto do comentarista de economia do *Jornal da Globo*, da *Rede Globo*, e da *Rádio CBN*, Carlos Alberto Sardenberg (CAS). A partir do *corpus* do trabalho, são levantadas as marcas da oralidade no texto do referido profissional.

Corpus do trabalho

Compõem o *corpus* deste trabalho dez textos de Sardenberg, sendo cinco para o *Jornal da Globo* e cinco para a *Rádio CBN*. Os textos foram escolhidos aleatoriamente e tratam de assuntos pertinentes à economia brasileira: fusão de empresas nacionais, carga tributária, mudanças nas regras da poupança, gastos do governo federal, desemprego e inadimplência, entre outros.

Vale destacar que a apresentação dos textos do comentarista de economia no *Jornal da Globo*, é feita sempre ao vivo tendo interação com os apresentadores do telejornal Willian Waack (WW) e Christiane Pelajo (CP).

Na *Rádio CBN*, a inserção do texto do jornalista também é feita a partir dos apresentadores que chamam o comentarista. Nesse caso, a apresentação do texto é feita ao vivo ou previamente gravado e anunciado pelo apresentador. Nesse último caso, isso nem sempre fica evidente para o espectador já que o apresentador anuncia como se fosse ao vivo. Quem presta mais atenção percebe que se trata de texto gravado com antecedência, porque⁰

texto do comentarista flui sem a intervenção do apresentador.

Os áudios e os vídeos usados para a transcrição, que integram o corpus deste trabalho, foram recuperados das páginas oficiais da Rádio CBN e da Rede Globo na internet, respectivamente: <http://cbn.globoradio.globo.com/> (ou www.cbn.com.br) e <https://www.globo.com/>.

As normas para transcrição dos textos são sistematizadas pelo Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (NURC/SP), da Universidade de São Paulo (USP) e estão disponíveis nas publicações do grupo (PRETI, 2005).

Perspectivas de estudo da língua falada e da língua escrita segundo Marcuschi

Marcuschi (2001) apresenta alguns pontos de vista por meio dos quais se podem analisar a língua falada (LF) e a língua escrita (LE). Na perspectiva da “*dicotomia estrita*”, a qual se volta ao código e ao fato linguístico, LF e LE se dividem “em dois blocos distintos” (MARCUSCHI, 2001, p.27), cada qual com características estanques, decorrentes de uma observação fundamentada nas “condições empíricas de uso da língua (envolvendo planejamento e verbalização), e não de características dos textos produzidos” (p.28). Aqueles que congregam com essa perspectiva, mais rígida e restritiva, defendem que a LF seria contextualizada, não planejada, imprecisa, não normatizada e fragmentária, enquanto a LE teria características opostas, como descontextualizada, planejada, precisa, normatizada e completa, o que seria suficiente para dar à escrita uma superioridade à fala (MARCUSCHI, 2001).

A perspectiva da dicotomia estrita tem o inconveniente de considerar a fala como o lugar comum do erro e do caos gramatical, tomando a escrita como o lugar da norma e do bom uso da língua. Seguramente, trata-se de uma visão a ser rejeitada (MARCUSCHI, 2001, p.28).

Outra corrente apresenta uma “*visão culturalista*” para os estudos da LF e LE. Conforme Marcuschi (2001), essa corrente de pesquisa apresenta como principais características para a cultura oral o pensamento concreto, o raciocínio prático, a atividade artesanal, o cultivo da tradição e oritualismo; já a cultura letrada teria como características o pensamento abstrato, o raciocínio lógico, a atividade tecnológica, a inovação constante e a analiticidade.

Esta visão não serve para tratar relações lingüísticas, já que vê a questão em sua estrutura macro (visão global) e com tendência a uma análise de formação da mentalidade dentro das atividades psico-socioeconômico-culturais de um modo amplo (MARCUSCHI, 2001, p.29).

A terceira perspectiva apontada por Marcuschi é a “*variacionista*”. Nesse modelo, LF e LE não apresentam a maioria das distinções indicadas nas visões anteriores, mas ambas têm papel centrado no processo educacional, que trata de estudar as relações “entre padrão e não padrão linguístico nos contextos de ensino formal” (MARCUSCHI, 2001, p.31). Essa perspectiva não tece uma distinção entre fala e escrita, porém recomenda “uma observação de variedades linguísticas distintas. Todas as variedades submetem-se a algum tipo de norma”. Assim, não observa LF e LE mediante uma perspectiva dicotômica e estanque, como as duas anteriores, mas as analisa como um tipo de variedade própria da língua.

Diante de tais perspectivas, Marcuschi propõe uma quarta para os estudos da LF e da LE, a qual ele denomina de “*perspectiva sociointeracionista*”. Essa visão dá às modalidades linguísticas o mesmo patamar sem dar condição superior a uma em detrimento à outra, reforçando a posição “de que fala e escrita não são propriamente dois dialetos, mas sim duas modalidades de uso da língua” (MARCUSCHI, 2001, p.34), vendo a língua como um modelo dinâmico e interativo. Essa perspectiva

“preocupa-se com os processos de produção de sentido tomando-os sempre como situados em contextos sócio-historicamente marcados por atividades de negociação ou por processos inferenciais” (MARCUSCHI, 2001, p.34), não como categorias dadas *a priori*.

O autor afirma que fala e escrita apresentam igualmente características como a dialogicidade, a função interacional, o envolvimento, a negociação e a dinamicidade, mas que se processam de forma diferente por causa do modo de produção de cada uma delas. Essas características, por sua vez, são típicas do processo de produção de sentido.

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas lingüísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais dialetais e assim por diante (MARCUSCHI, 2001, p.17).

Logo, fala e escrita não devem ser vistas como estanques e/ou dicotômicas, mas como pertencentes a um *continuum* (MARCUSCHI, 2001). Portanto, estudar a LF e a LE é ter à disposição um referencial teórico importante e que estabelece parâmetros de análise para estudos das duas línguas, sem sobrepor uma à outra, reconhecendo sim suas diferenças em seu processo, mas respeitando essas diferenças como características de cada modalidade de uso da língua.

Características gerais da língua falada

As características gerais da LF são objeto de estudo de muitos pesquisadores que dedicam esforços para definir as marcas principais dessa modalidade de uso da língua. “O objetivo da análise conversacional é, precisamente, explicitar essas regras que sustentam o funcionamento das trocas comunicativas de todos os gêneros”

(KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.15). Galembeck (1999) e Rodrigues (2010) apontam que a língua falada apresenta como uma das mais evidentes características o fato de que as etapas de planejamento e de execução da fala ocorrem simultaneamente ou quase.

Para Galembeck (1999, p.109), “isso confere a ela um caráter fragmentário, que pode ser verificado tanto no plano de construção da frase ou enunciado como no da seqüência de assuntos”. Sobre o caráter fragmentário, Campos (1989, p.203) afirma que isso ocorre porque muitas características da língua falada estão ligadas diretamente ao modo como é produzida. “Na língua falada observam-se os processos de sua própria criação, a saber, os falsos começos, as repetições, os retoques, as hesitações, os recuos” e outros. Koch *et al* (1990, p.148) também afirmam que o fato de a elaboração se dar no próprio desenvolvimento da conversação torna a oralidade fragmentária, caráter “decorrente dessa quase simultaneidade entre a manifestação verbal e a construção do discurso, bem como da conseqüente rapidez de sua produção”. Assim, um elemento nesse processo assume um papel preponderante, a interação.

Por isso, o falante imprime ao texto planejado e executado, num mesmo momento, sinais de sua elaboração. Nesses sinais, Galembeck identifica ainda outra importante marca, a fala em “jatos”, na qual o falante apresenta os enunciados sincronizando a sua execução com o planejamento do texto. A abordagem do planejamento local do texto falado também foi feita por Castilho (2004), que identifica nesse aspecto uma das fases que constituem o processo da linguagem. Para o autor,

Uma das características da LF que denunciam a simultaneidade do planejamento e da execução é a grande quantidade de segmentos epilingüísticos que aí encontramos. Assim se explicam as negações “de dicto”, as paráfrases lexicais e determinados marcadores conversacionais (CASTILHO, 2004, p.19).

Koch (1997) afirma que, no processo de construção do texto falado, o locutor com frequência sacrifica a sintaxe por causa da necessidade de interagir. Por isso, no texto falado, são naturais e usuais os falsos começos, as orações truncadas, os anacolutos (ruptura de construção) e as inserções de outros tipos, como a repetição e as paráfrases, os quais colaboram para a construção de sentidos do texto e para a intercompreensão.

Assim, o texto falado – planejado localmente – confere qualidades que inicialmente podem ser confundidas como falta de coerência e coesão. No entanto, essas mesmas qualidades dão a ele uma noção própria de coerência e de coesão que não podem ter como princípio norteador os mesmos elementos aplicados ao texto escrito. Chagas (2007) lembra que a coesão e a coerência ocorrem de forma diferenciada porque a fala se produz a partir do diálogo, ou seja, de maneira coletiva.

A coerência apresenta-se como um princípio de interpretabilidade do texto, envolvendo fatores de ordem cognitiva, interacional e lingüística. Este princípio se relaciona à boa estrutura do texto, estabelecendo a partir de uma unidade de sentido o que a caracteriza como ato global, ou seja, refere-se ao texto como um todo.[...] Um sinal de coesão indica como a parte se liga, conceitualmente, com uma outra parte do texto. É normal referir-se a estes sinais como ligações ou elos coesivos (CHAGAS, 2007, p.215).

Rodrigues (2010) e Galembeck (1999) identificam como outra característica da LF o contexto comum partilhado entre falantes, ou seja, ambos – locutor e interlocutor – partilham de um mesmo tempo e, muitas vezes, de um mesmo espaço interacional.

Outra característica da língua falada é o fato de haver um contexto comum partilhado entre os interlocutores, já que a interação falada pressupõe a identidade temporal (conversações telefônicas, apenas a identidade temporal). A essa identidade temporal e espacial corresponde o engajamento numa tarefa comum, ou seja, a construção do texto conversacional (GALEMBECK, 1999, p.110).

Para a realização do texto conversacional, Rodrigues (2010, p.18) afirma que “a identidade espacial, ou seja, a interação face a face não é condição necessária para que haja uma conversação”. É nesse sentido que se apresentam as conversas por telefones e por meio de outras tecnologias em que os interlocutores não ocupam o mesmo espaço físico, tais como o *Skype* e o *WhastApp*.

Apesar da distância física entre os interlocutores, o envolvimento é uma marca fundamental do processo de construção da língua falada, reforça a autora. “O envolvimento constitui característica da língua falada, entendido não só como envolvimento dos interlocutores com o assunto da conversa, mas também entre eles mesmos” (RODRIGUES, 2010, p.31). Logo, para interagir, os interactantes devem estar envolvidos na interação, querendo dela fazer parte ativamente, colaborando para a sua construção, manutenção e desenvolvimento. De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2006), não é suficiente que os interactantes alternem suas falas para a troca comunicativa, mas que estejam engajados nessa troca e que sinalizem seu engajamento, de modo a validar a interação. Para que ela exista, é fundamental, portanto, que duas ou mais pessoas manifestem a intenção de entrar em contato umas com as outras, o que implica cumplicidade e solidariedade.

Barros (2001) confirma que a fala é construída por dois ou mais interlocutores que durante esse processo alternam seus papéis de falante e de ouvinte para que o texto seja construído em conjunto, ou seja, é na interação que ocorre a construção do texto falado pelos atores envolvidos. Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p.11), “na interação face a face, o discurso é inteiramente ‘co-produzido’, é o produto de um trabalho colaborativo incessante”, perspectiva também assumida por Barros (2001) e outros pesquisadores da LF.

A respeito disso, Kerbrat-Orecchioni (2006, p.62) argumenta que “toda interação verbal pode ser concebida como uma seqüência de eventos cujo conjunto constitui um ‘texto’, produzido coletivamente num contexto determinado”. Vale destacar que, apesar de o interlocutor não estar presente no mesmo espaço físico, ele pode contribuir para a elaboração do texto. Por exemplo, a partir do perfil do ouvinte e do telespectador, emissoras de rádio e de televisão sabem para/com quem falam e, por isso, ajustam seus textos para atender às necessidades de sua clientela.

Ainda no processo de interação, por causa do ouvinte, o locutor lança mão de um recurso necessário, a monitoração da sua fala. No decorrer do diálogo, os falantes “estão sempre mostrando que compreendem a fala de seu interlocutor, assinalando que ele pode continuar falando como até então vinha fazendo porque o ouvinte se sente em sintonia com o que está ouvindo” (RODRIGUES, 2010, p.24). Essa colaboração mútua, chamada monitoramento da fala, é imprescindível para que a conversa transcorra sem grandes dificuldades, pois, por meio dela, os interactantes conduzem as suas falas de maneira mais apropriada à situação e ao interlocutor.

A partir desse recurso, o falante verifica se o ouvinte acompanha o que está sendo falado. Por causa disso, o texto pode apresentar repetições de frases, de expressões, de enunciados, de paráfrases, de parênteses, entre outros mecanismos.

Na língua oral, o falante utiliza-se do processo de monitoração de sua fala, dirigindo-se através dos marcadores conversacionais, que são formas lingüísticas através das quais o falante procura interagir com seu companheiro de fala, seja ele falante ou ouvinte (CAMPOS, 1989, p. 208).

O monitoramento do falante pode ser classificado em auto e heteromonitoramento (SILVA, 2001). Naquele, o falante monitora a si mesmo a fim de analisar e adequar a sua fala às

suas condições de produção. Para isso, recorre aos recursos dos processos de reativação e desativação da fala, assim rotulados por Castilho (1998), como as paráfrases, as correções e as inserções parentéticas, e também aos marcadores e procedimentos de atenuação. Já no heteromonitoramento, o falante acompanha as reações do seu interlocutor por meio de marcadores de busca de aprovação discursiva ou de envolvimento do ouvinte. Em ambos os casos, o falante procura ter a certeza de que é compreendido e de que seu discurso é adequado à situação. Já o monitoramento do ouvinte é entendido heteromonitoramento, porque se refere ao monitoramento da fala do locutor. Consoante Silva (2001), essa atividade apresenta alguns objetivos específicos: mostrar ao falante que ele é ouvido e compreendido; sancionar o outro como falante e indicar que pode continuar com a mensagem; demonstrar participação.

As características da LF podem ser compreendidas como regras para, inclusive, orientar pesquisadores nos seus objetivos de estudo. Marcuschi (2001) afirma que as manifestações textuais, sejam na língua falada ou língua escrita, são normatizadas e “não se pode dizer que a fala não segue norma por ter enunciados incompletos ou por apresentar muitas hesitações, repetições e marcadores não lexicalizados” (MARCUSCHI, 2001, p. 46), porém ela segue sua própria gramática, com suas próprias normas de construção em que elementos como esses são naturais e comuns. Isso porque “todos os aspectos do discurso [...] são regidos por regras, cuja função é preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.76).

O texto de televisão e de rádio

O texto escrito é, geralmente, um produto que atrai a atenção de pesquisadores que o usam como objetos de pesquisa seja na graduação ou em cursos

de pós-graduação. Um fator que pode interferir na escolha do texto escrito é o fato de esse ser facilmente recuperado e de fácil manuseio. No jornalismo, o texto impresso ocupa posição de destaque e há muitos trabalhos sobre essa modalidade. No entanto, o texto oral de televisão e de rádio, que oferece muitas possibilidades de pesquisa, não tem sido estudado de forma sistemática. Essa situação é mais evidente se levar em conta a grande variedade existente nos dois veículos.

Pode-se dividir o texto da televisão e do rádio em dois grandes grupos, conforme o tipo de produto: jornalismo e entretenimento. No primeiro grupo, encontram-se os textos de jornalismo, ou seja, os programas noticiosos desde o rádio jornal e telejornal até programas de debate, de entrevistas e de documentários.

No grupo de entretenimento, há textos voltados para programas de auditório, programas de variedades, humorísticos, novelas, entre outros. Esses fatores ainda se aliam às características inerentes aos próprios veículos, como o imediatismo e a mobilidade.

Nesse sentido, a linguagem usada no rádio e na televisão varia de acordo com o produto a ser veiculado podendo ser gravado ou ao vivo, formal ou informal, com participação de espectadores, entre outras características, o que permite uma ampla utilização da linguagem nos dois veículos. Uma entrevista, por exemplo, terá características diferentes, se for ao vivo ou se for gravada já que nesse último caso o material passa por edição.

Toda entrevista tem um certo planejamento, geralmente maior da parte do entrevistador do que do entrevistado, e, portanto, um número menor de marcas de elaboração e reelaboração. [...] a edição apaga boa parte das marcas de reformulação, de repetição, de hesitação, etc., e altera às vezes o caráter entrecortado da fala (BARROS, 2001, p.61).

No que se refere à construção dos textos, Silva (1999) afirma que, inicialmente, em rádio, eles eram

escritos para, em seguida, serem lidos (oralizados). Todavia, com a consolidação e popularização dessa mídia, “busca-se uma programação mais dinâmica, aliada a uma linguagem singular apropriada às características do veículo” (SILVA, 1999, p.17), libertando-se cada vez mais da linguagem impressa. Assim, os textos da rádio passam a ser mais fluidos, mais simples e diretos. Atualmente, a linguagem radiofônica, além dessas características, apresenta-se mais dinâmica e interativa, em que os interlocutores podem participar ao vivo das produções, que agora também são veiculadas via internet em computadores e celulares.

Mediante a análise da escolha lexical no texto do *Jornal Nacional*, Araújo (2003, p.73) estudou a linguagem apresentada pelo telejornal e chegou à conclusão de que a linguagem no noticiário da *Rede Globo* “situa-se num ponto especial do *continuum* entre a fala e a escrita”.

Os textos que manifestam a língua usada na TV guardam as características da integração e do distanciamento, próprias do texto escrito, sem que sejam vizinhos da escrita acadêmica. [...] Ao mesmo tempo, esses textos partilham de algumas características dos textos orais, mais notadamente o envolvimento do que a fragmentação (ARAÚJO, 2003, p.74).

No que se refere à produção da notícia, Barros (2001) concorda que os textos de rádio e de televisão têm a característica de mesclar aspectos tanto da língua escrita quanto da língua falada, o que tem relação direta com o processo de planejamento prévio da escrita e de planejamento local da fala, já que “As notícias nos jornais falados na televisão e no rádio são planejadas antecipadamente, escritas e praticamente lidas, em geral com pequenas mudanças no momento de efetiva realização” (BARROS, 2001, p.61). Além disso, “mesmo tendo sido antecipadamente planejada, as notícias acabam por apresentar alguns traços do descompasso entre a realização escrita planejada e a realização falada não planejada” (BARROS, 2001, p.61), já que, para

ser lido, o texto deve ser escrito com linguagem não tão formal, com frases mais curtas e com unidades menos complexas (BARROS, 2001).

As marcas da oralidade no texto de Sardenberg

Aleatoriamente, foram escolhidos dez textos do comentarista de economia Carlos Alberto Sardenberg para análise, sendo cinco para a *Rádio CBN* e cinco para o *Jornal da Globo*, conforme o quadro que segue. Para facilitar a leitura e a compreensão dos conteúdos a partir de exemplos, os comentários foram numerados.

Veículo	Comentário	Tema
Rádio CBN	Comentário 1	Desemprego e inadimplência no país
Rádio CBN	Comentário 2	Projeções do Fundo Monetário Internacional para a crise econômica mundial
Rádio CBN	Comentário 3	Imposto sobre o salário no Brasil
Rádio CBN	Comentário 4	Previsão de gastos do governo federal para o ano que vem
Rádio CBN	Comentário 5	Carga tributária é a principal reclamação dos empresários
Jornal da Globo	Comentário 6	Sardenberg tira novas dúvidas sobre a poupança
Jornal da Globo	Comentário 7	A fusão das empresas Sadia e Perdigão
Jornal da Globo	Comentário 8	Os números do PIB do Brasil
Jornal da Globo	Comentário 9	O mercado da carne no Brasil
Jornal da Globo	Comentário 10	A recuperação financeira da General Motors

Quadro 1: Comentários de Sardenberg

Fontes: Elaborado pelos autores.

Conforme Fávero, Andrade e Aquino (1999) as características de um texto falado permitem ressaltar que a sua construção é feita de forma organizada, sendo possível ver a sua estrutura, assim como os mecanismos de organização.

Dessa forma, observam-se nessa modalidade de texto muitos cortes, interrupções, retomadas, sobreposições, etc., de onde se deduz que, se o sistema da língua é o mesmo, tanto para a fala quanto para a escrita, as relações sintáticas são de outra ordem (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 1999, p.21).

Neste sentido, é possível identificar no texto de Sardenberg várias marcas da oralidade que permitem afirmar que o texto do comentarista para o rádio e a televisão constitui-se numa modalidade falada, e não escrita, conforme os exemplos a seguir. Para efeito de análise, os exemplos foram divididos em dois grupos: marcas de planejamento local e marcas interacionais.

Marcas de planejamento local

Levando em consideração que o modo de produção do texto falado apresenta maior rapidez que o texto escrito, surgem, portanto, sinais de sua execução simultaneamente ao planejamento. Isso fica evidente a partir das hesitações, das correções, das falas simultâneas, dos truncamentos, do monitoramento da fala e dos falsos começos. Essas marcas revelam um trabalho de planejamento do interlocutor no seu processo de criação do texto.

Em (1) e (2), Sardenberg apresenta hesitações, alongamentos (marcados por dois-pontos), pausas (representadas pelas reticências) e marcadores fáticos (“então”, “isso aí”, “éh”), revelando a ação simultânea de executar a fala com o planejamento do texto. Esses elementos permitem ao comentarista organizar o raciocínio, mesmo que em frações de segundos, para elaborar ou reelaborar o seu discurso.

(1)

45	CAS	<u>então isso aí...</u> quer dizer... <u>essa... essa...</u> PIO::ra no mercado de trabalho... explica a inadimplência... NE... você tem ME::nos RENDa... menos gente trabaLHAN::do... <u>e você... então tem... éh::</u> problema maior das pessoas em paGAreM as suas contas...
----	-----	---

Comentário 1

(2)

10	CAS	da economia mundial é bastante insTÁvel nesses últimos tempos ele tem:: feito atualizações <u>digamos até::</u> mais frequentes <u>né...e::</u> fizeram uma atualização HOje que deu uma melhoRAda <u>éh:: nos éh::</u> prognósticos <u>né:: mas é::</u> o resumo -- gostei muito do resumo nos novos dados -- <u>é::</u> eles disseram o seguinte...
15		

Comentário 2

Outra marca da simultaneidade do planejamento com a execução do texto falado é o truncamento de palavras e frases, em que o locutor abandona uma dada construção sintática e passa a fazer uso de outra. Isso também serve ao propósito de melhorar a construção reforçando a necessidade que o locutor tem de se fazer compreender pelos interlocutores. Em (3), Sardenberg aborda como tema a recuperação da economia mundial. Ele introduz um termo (e aí falo/), mas o corta e retorna ao raciocínio da recuperação da economia.

(3)

45	CAS	quer dizer afunDOU:: pessimISmo toTAL... deu uma recupeRA::da o pessoal se aniMOU... <u>e aí falo/ mas a recuperação</u> não é assim tão forte quanto parecia...
----	-----	--

Comentário 2

Em (4), Sardenberg trata da carga tributária sobre o salário mínimo e reformula o raciocínio apresentando truncamento de frase.

(4)

11	CAS	pra simplificar você pega aqui no Brasil <u>um saLÁRIO de cem reais um salário/ a cada cem reais de salário regis::TRAdo</u> em carteira... sobre esse salário a empresa paga MAis que CEM...
----	-----	---

Comentário 3

Em (5), há várias situações de truncamento de palavras como de dominância para controle; de economia para concorrência. O truncamento de palavras ainda se repete em (6) e (7). Todos esses exemplos atestam o planejamento discursivo do locutor no momento exato da sua execução do texto.

(5)

10	CAS	pois é e e em vários setores de alimentação a: <u>dominân/ o controle</u> dessas empresas da nova emPREsa vai ser muito claro... nós temos aqui ((Sardenberg aponta para uma tela)) uma:: demonstração por exemplo olha... massas prontas aqueles aQUElas lasanhas prontas por eXEMplo a nova empresa terá oiTENTA e oito por cento... depois você tem aqui ((Sardenberg aponta para uma tela)) CARne congelAda... o peru de natal o peru de fim de ano seTENTA por cento dessa Nova empresa... temos ainda as margaRInas TÃO imporTANTE aí no consumo dos brasileiros... seSSENTa e cinco por cento vão estar com a nova EMpresa e carne refrigerada QUase sessenta... é por cento... então há controle <u>há domi/ há domi/ a posição é domiNANTE</u> em alguns mercados importantes... só que o CAde os órgãos de <u>defesa da econo/ da concorrência</u> não utiliza aPENas esse critério...
15		
20		
25		

Comentário 7

(6)

35	CAS	olha aqui nós temos nesse qua::dro ((Sardenberg aponta para uma tela)) é u::ma série das:: recentes fusões aqui da economia <u>brasile/GRANdes</u> fusões... da Kolynos Colgate a:: Brahma Antártica que reSULTou na Ambev que já virou a Inbev com os belgas e a Imbev Anchor...
----	-----	---

Comentário 7

(7)

50	CAS	olha alguns analistas dizem que o seguinte que só VOLta a ser como Era daqui a QUATro anos né... <u>como o grande ano/dos/ o mercado dos anos dois mil e MESmo</u> assim quando voltar vai ser MUITo competitivo...
----	-----	---

Comentário 10

As correções são muito comuns no texto falado e representam a possibilidade que o locutor tem de apresentar um conteúdo corrigido ao seu interlocutor, buscando adequá-lo ao contexto sociodiscursivo, deixando-o mais coerente. Como no texto falado não é possível ao locutor apagar o que foi dito, ele retorna ao conteúdo e corrige-o deixando, assim, um andaime na estrutura de construção do seu texto. Em (8), isso se evidencia na correção lexical de dois para duas para concordar com o gênero feminino e, em (9), a correção se trata de informação, de dois bilhões para dois milhões de toneladas de carne.

(8)

1	CAS	bom dia Heródoto, bom dia ouvintes... Olha aqui... uma palavra pra junTÁ ... <u>do::isduas</u> informações que SAÍram ontem uma so::bre o índice de emprego e desemprego e outra:: sobre iNADIMplência...
---	-----	---

Comentário 1

(9)

15	CAS	até chegar no ano passa::do... cinco bilhões e meio praticamente de dólares e:: QUase <u>dois Bilhões...</u> <u>dois Milhões</u> e meio <u>DOIS Milhões e meio</u> de toneladas de carne exportada...
----	-----	---

Comentário 9

Em (10), a apresentadora *do Jornal da Globo* Christiane Pelajo, na elaboração de uma pergunta ao comentarista Sardenberg, também corrige uma informação, o cargo de uma autoridade de Brasília (de secretário executivo para secretário extraordinário) citada no texto. Ela usou um recurso comum ao locutor, que é se desculpar (perdão) pelo equívoco cometido. A correção, nesse exemplo, apresenta outra característica do planejamento local, que é a sobreposição de falas. Quando Christiane Pelajo corrigiu a informação, Sardenberg corroborou com a nova informação. A fala simultânea está representada pelo sinal { }, da linha 10 à 12.

(10)

10	CP	você conversou mais cedo com Bernarda PI que é o <u>secretário executivo</u> <u>secretário PERdão extraordinário</u> de reformas <u>feconômicas</u>
	CAS	<u>Isso</u>
	CP	<u>e fiscais...</u> } Sardenberg o que/ qual é a expectativa do governo em relação à aprovação DEssas novas regras da caderneta?

Comentário 6

Os falsos começos são muito comuns no texto falado porque o locutor começa a fala e pode abandonar a construção textual para ressaltar outras informações que, no momento da execução da fala, são mais importantes do que a informação da oração iniciada. Como esse processo é muito rápido, o falso começo pode ser representado também pelo truncamento.

Em (11), Sardenberg trata das expectativas de gastos do governo federal para o ano que seguinte. Ele começa falando dessas expectativas (bom pro ano que vem:: a espec/), mas abandona o raciocínio para explicar o que aconteceu com a economia brasileira no primeiro semestre do ano em questão. Esse mesmo mecanismo se repete em (12), quando Sardenberg introduz um começo, abandona-o e assume outro enunciado. Nesse caso, o falante usa a expressão quer dizer para abandonar um começo e assumir outro.

(11)

5	CAS	<i>Bom pro ano que vem:: a expec/ bom o que aconteceu é o seguinte normalmente... o governo gas::ta... faz economia no primeiro semestre e gasta MAIS no seGUNdo... isso é tradicional...</i>
---	-----	---

Comentário 4

(12)

40	CAS	<i>Olha Heródoto o fato é o seguinte.. quer dizer... você olha:: os planos do goVERno os proJETos do governo não tem ne::nhum proje::to de:: redução de despe::sas ou seQUER de RAcionalização das despesas etcétera...</i>
----	-----	---

Comentário 4

Outra importante característica do planejamento local da fala é o monitoramento, o qual expressa a capacidade do locutor em controlar a própria fala e seu conteúdo para, entre outros, se fazer entender pelo interlocutor e tornar mais claras as suas afirmações. Além disso, o monitoramento pode expressar a necessidade que o locutor tem de ressaltar alguma informação usando situações que podem ser consideradas sinônimas para facilitar o entendimento. Isso porque o monitoramento é a “fiscalização que cada interactante do diálogo exerce sobre seu parceiro, no sentido de direcionar e regulamentar a conversação” (SILVA, 2001, p.132).

Em (13), Sardenberg comenta o *imposto sobre o salário* no Brasil e monitora sua fala, dando novos significados ao imposto por meio das expressões *imposto sobre a folha* e *imposto sobre o assalariado*. Essas expressões são complementares e também têm caráter exemplificador para aproximar o conteúdo do interlocutor.

(13)

10	CAS	<i>mas eu queria chamar a atenção para um ponto muito importante que éh:: o <u>imPOSTo sobre o saLÁrio</u> <u>imPOSTo sobre a folha o imposto sobre o assaLariado</u>... há padrões internacionais de compaRAção</i>
----	-----	--

Comentário 3

O mesmo caráter exemplificador assume os exemplos a seguir. Em (14), Sardenberg trata da fusão das empresas Sadia e Perdigão. Sobre o mercado de massas, ele reforça o sentido de *massas prontas* dando como exemplo as *lasanhas prontas*.

A mesma estratégia, ainda em (14), é usada para o segmento de *carne congelada*, em que o comentarista exemplifica esse mercado como o *peru de natal* e o *peru de fim de ano*. Tal recurso se repete ainda em (15), quando Sardenberg reforça o sentido de *mercado de carne*, atribuindo-lhe um significado mais abrangente com a expressão *mercado de alimentos*.

(14)

11	CAS	nós temos aqui ((Sardenberg aponta para uma tela)) uma:: demonstração por exemplo olha... <u>massas prontas</u> aqueles aQUElas_ <u>lasanhas prontas</u> por eXEMplo a nova empresa terá oiTENTA e oito por cento... depois você tem aqui ((Sardenberg aponta para uma tela)) <u>CARne congeLAda...</u> <u>o peru de natalo peru de fim de ano</u>
15		seTENTA por cento dessa Nova empresa...

Comentário 7

(15)

18	CAS	<u>o mer::cado de carne o mercado de alimentos</u> é MUIto competitivo e tem muita restrição os países colocam restrição saniTÁRIA exigÊncias etcétera...
----	-----	---

Comentário 9

Mediante a observação desses exemplos, podemos afirmar que o texto do jornalista apresenta um planejamento local, característico da oralidade, em que a construção textual e a elaboração discursiva dão-se praticamente de modo simultâneo.

Marcas interacionais

Chafe (1985) afirma que a língua falada é um produto da interação social em que o interlocutor pode programar ou reprogramar o seu planejamento a partir do envolvimento com o interlocutor. Essa característica é típica da língua falada, distinguindo-a da língua escrita. Como marcas da interação podem ser citadas o envolvimento do locutor (que se envolve com o interlocutor, com o discurso ou com o contexto) e, em consequência desse aspecto, as repetições.

Em (16), o envolvimento do comentarista Sardenberg fica evidente com a apresentadora Christiane Pelajo quando ela introduz uma pergunta sobre os números do Produto Interno Brasileiro (PIB) e ele brinca usando a expressão arebaba. Ela responde ao comentarista com a expressão tic, seguida de risos. Ambas as expressões são parte do vocabulário da novela global “No Caminho das Índias” e são usadas para ressaltar situações de indignação ou de admiração dependendo da ocasião. Quando a apresentadora e o comentarista usam esse recurso interagem com o telespectador que compreende o significado da pergunta e da resposta, já que o assunto trata de um tema complexo ao contexto geral brasileiro, os números do PIB. O envolvimento, nesse caso, é voltado ao assunto em questão. Percebe-se também o envolvimento pela troca de turnos (vez de fala), em que falante e ouvinte alternam seus papéis.

(16)

25	CP	Sardenberg como fica então a comparação do Brasil com outros países é verDAde o que diz o presidente Lula que o Brasil Foi o ÚLTimo a entrar na crise e será o PRlmeiro a sair?
	CAS	<u>AreBAba Cris...</u>
	CP	<u>TIC...</u> ((risos))

Comentário 8

A interação voltada para o assunto se repete em (17), em que o envolvimento interpessoal interfere na construção do texto. Sardenberg aborda as projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI) para a crise econômica mundial. Ao fim de um turno de fala, Sardenberg afirma que as forças que puxam a economia para cima não são tão fortes quanto pareciam. Nesse momento, o apresentador da *Rádio CBN* afirma que houve uma ducha de água fria, expressão usada na sequência por Sardenberg para fechar o seu raciocínio. Trata-se, portanto, de uma heterorrepetição, ou seja, quando se repete algo no texto do interlocutor.

(17)

50	CAS	mas... é:: como o diz o FMI as forças que puxam pra cima não são TÃO fortes quanto pareciam...
	Apres	e aí <u>DUcha de Água fria</u> né...
	CAS	Pra quem estava Super otimis::ta <u>DUcha de água fria</u> né...

Comentário 2

Já em (18), o comentarista revela envolvimento com o interlocutor, nesse caso representado por Heródoto, (Heródoto Barbeiro, apresentador da *Rádio CBN*) e pelos próprios ovintes da emissora. É um caso de interação voltada aos interlocutores.

(18)

27	CAS	então você veja a diferença <u>HeRÓdoto vejam a diferença ouVINtes da CBN...</u> a empresa paga cento e vinte sete reais...
----	-----	---

Comentário 3

Em (19), o envolvimento se dá com os internautas espectadores do *Jornal da Globo*, que provocam comentários de Sardenberg sobre as dúvidas das novas regras da poupança. O comentarista constrói seu texto a partir das perguntas enviadas por e-mail para o telejornal. A interação nesse caso também se dá voltada ao interlocutor.

(19)

5	CP	E ontem a gente recebeu mais de MIL e-mails de <i>internautas</i> com DÚvidas sobre as NOvas REgras da POUpança... pra ser mais precisa foram Mil e dezesseis e-mails... hoje o nosso comentarista de economia Carlos Alberto Sardenberg tira mais algumas DÚvidas do <i>telespeCTAdor</i>
---	----	--

Comentário 6

Como consequência do envolvimento, além de outros recursos, acontecem as repetições, que são comuns no processo de construção do texto falado e assumem condições diversas dependendo da situação em que se encontram. Segundo Campos (1989, p.207), nas interações orais, as repetições “podem ter função neutralizadora, encobrendo falhas no desempenho do falante, limitações de sua memória ou falta de atenção (auto-repetições), ou ainda, ter função articuladora, acentuando o envolvimento de um falante na fala do outro (hetero-repetições)”. Em (20), num espaço curto de tempo, Sardenberg repete dez vezes a palavra *emprego/empregos*. Aqui vale uma observação pertinente: no começo do turno, a repetição confere ao texto um caráter de ênfase e, ao final, a repetição surge mais como marca de planejamento discursivo, o que se evidencia por causa das pausas, dos alongamentos e dos truncamentos da oração (*né qu/ au::mentou*).

(20)

20	CAS	é siNAL de que não houve aumento de <i>empregos</i> ... por outro LADO... houve um aumento muito gran::de de maio deste ano compaRAdo com maio do ano paSSAdo... no número de pessoas DESocu::padas um crescimento de TREZE por cento... de pessoas que procuRARAM <i>emprego</i> ... e não encontraram... que ISSO quer dizer? Quer dizer que:: a economia não está geRANdo <i>emPREgos</i> ... pra atender todo esse pessoal que entra:: no mercado... Além Disso hou::ve PERda de <i>empregos</i> na inDÚStria... e GAnho de <i>emPREgos</i> no setor de serviços...e os <i>empregos</i> na indústria são melho::res... mais bem remunERA::dos... <i>empregos</i> com carteira assiNA::da... e etcétera... então... houve uma... é <i>empregos</i> piores né qu/ au::mentou o número de <i>empregos</i> piores... diminui os <i>empregos</i> melhores... e além disso houve... uma QUE::da do rendiMEN::to MÉdio dos assalariADOS...
25		
30		

Comentário 1

Esse mesmo padrão de repetição relacionada ao planejamento acontece em (21), (22) e (23). Além disso, nesses excertos, é possível observar a repetição de palavras com função neutralizadora, que está vinculada ao desempenho de Sardenberg na construção do texto, o que, contudo, não interfere na qualidade do discurso apresentado pelo profissional.

Vale destacar que, nos referidos exemplos (21, 22 e 23), para a *Rádio CBN*, o comentarista dispõe de um tempo que acaba sendo maior que o da televisão, mesmo que sejam praticamente iguais. Isso porque, no rádio, o comentarista constrói o seu texto de cerca de três minutos sem grande interferência do apresentador, diferentemente da televisão, em que os apresentadores Willian Waack e Christiane Pelajo têm maior interação com Sardenberg, introduzindo perguntas ao longo do período de construção textual. Por isso, a repetição tem maior ocorrência nos textos para o rádio.

(21)

35	CAS	ficou assim por um bom tempo no auge da crise e depois <u>começou a recupeRAR</u> esse ANO né... <u>começou a recupeRAR</u> na medida que viu as notícias de <u>recuperação</u> da economia e aí a bolsa passou dos cinquenta e tantos mil pontos... nessa idéia de que:: a <u>recuperação</u> estava também... mas depois vem a idéia de que a <u>recuperação</u> ... não é:: mole::za a <u>recuperação</u> é compliCada... os efeitos da crise são peSA::dos... então a <u>recuperação</u> vai ser mais lenta...
40		

Comentário 2

(22)

20	CAS	HOUve éh::FORtes aumento de <u>GAS</u> tos inclusive é... porexemplo <u>gasto</u> com a previdência por causa do aumento real do salário Mínimo <u>gasto</u> com folha de saLÁRIO e tal... então houve <u>GAS</u> to já muito expressivo e a arrecadação ta baixa... logo:: a coisa ficou apertada esse ano ficou o contrário... <u>gastou</u> mais no primeiro semestre e menos no segundo
25		

Comentário 4

(23)

37	CAS	o governo continua aumentando seus <u>gastos</u> ... e <u>gastos</u> ... e <u>gastos</u> não investimentos mas <u>gastos</u> em custeio pessoal etcétera...
----	-----	---

Comentário 5

Os exemplos mostram que nos textos jornalísticos analisados prevalecem marcas da oralidade em detrimento de marcas da escrita, o que se deve ao seu contexto de produção e de recepção, o qual deixa marcas, tais como as repetições e as alternâncias de turno.

Considerações Finais

A língua falada tem características próprias que tornam o seu modo de produção peculiar e instigante. Peculiar porque se diferencia do modelo de produção da escrita sem se sobrepor a esse. Instigante, pois perceber a estrutura de construção do texto falado é vislumbrar inúmeras possibilidades de pesquisa e, portanto, de objeto de estudo, os quais expandem as fronteiras do pesquisador sejam do ponto de vista da significação ou na perspectiva do ensino.

Nesse sentido, deve ser ressaltado o que defendem muitos autores, tendo Marcuschi (2001) como um dos principais expoentes dessa corrente: as diferenças entre a língua falada e a língua escrita não as tornam em sistemas específicos, apenas em diferentes modalidades de uso de uma mesma língua, com uma estrutura de produção e gramática próprias.

A língua, por si só, compreende um código dinâmico que aceita contribuições de diversas áreas, sejam cultas, sejam populares, revelando a sua capacidade de transformação. Tem-se, por exemplo, o português brasileiro falado no século 19 e o praticado nos dias atuais. Muitos elementos deixaram de serem usados, outros foram remodelados e outros, enfim, criados. Por isso, a língua é um elemento vivo e complexo, que integra a própria natureza humana.

Nesse sentido, a modalidade falada assume uma condição bastante relevante, sem se fazer de arrogante perante a modalidade escrita, visto que ambas são complementares, e não opostas. A língua falada também representa, por exemplo, os desejos, as aspirações, as emoções, as frustrações do falante, que incorpora mecanismos para construir seus textos. Mecanismos inerentes ao processo de produção, ou seja, natural para quem fala, mesmo sem se dar conta desses processos, pois ocorrem naturalmente.

Esse mecanismo também permeia o texto do comentarista de economia do *Jornal da Globo* e da *Rádio CBN* Carlos Alberto Sardenberg, que apresenta muitas características da fala em seu texto veiculado, tanto na emissora de rádio quanto na televisão. Mesmo tendo um planejamento prévio do que comentará, antecedido de reportagens de economia, Sardenberg realiza a execução do texto no momento em que planeja as próprias ideias. A execução simultânea ao planejamento da fala confere ao texto do comentarista as características gerais da língua falada.

Portanto, a construção textual nesse modelo permite afirmar que o texto de Sardenberg para a *Rádio CBN* e para o *Jornal da Globo* é mais falado que escrito para ser lido diante dos microfones da rádio ou das câmeras de televisão, como ocorre com outros comentaristas nacionais. No modelo escrito para ser lido, o profissional elimina as marcas próprias da fala, tendo em vista o padrão escrito, cujo planejamento prévio permite a elaboração de um produto diferente. Com mais tempo de produção que na língua falada, nesse caso, o autor lê, relê, revisa e edita o conteúdo, distanciando-o da oralidade natural.

A execução da fala simultaneamente ao planejamento deixa marcas evidentes no texto de Carlos Alberto Sardenberg, principalmente marcas de planejamento local (hesitações, correções, falas simultâneas, truncamentos, monitoramento da

fala e falsos começos) e as marcas interacionais (envolvimento e repetições).

Nesse sentido, a fala do comentarista apresenta características típicas da fala do cidadão comum, ou seja, a fala do seu espectador. Isso pode acabar fazendo com o espectador se identifique com o comentarista. Essa identificação ocorre porque o modelo de língua falada de Sardenberg apresenta os mesmos atributos da língua praticada pelo seu espectador, que também é falante.

Referências

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. *Língua falada e língua escrita: como se processa a construção textual*. Apresentado no SBPC, 1998, em Natal, na UFRN. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/208245283/Lingua-falada-e-lingua-escrita-como-se-expressar-a-construcao-textual>>. Acesso em: ago. 2018.

ARAÚJO, Denise Lino. A língua falada na TV: texto falado ou escrito? *Linguagem & Ensino*. Pelotas, vol.6, n.1, p.57-76, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, Dino (Org.). *Fala e escrita em questão*. 2.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001, p.57-77.

CAMPOS, Odete Gertrudes Luiza Altman de S. A língua falada: características gerais. In: IGNÁCIO, Sebastião Expedito (Org.). *Estudos gramaticais*: publicação do Curso de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, ano 3, n.1. Araraquara, SP: UNESP, 1989, p.202-216.

CASTILHO, Ataliba T. de. *A língua falada no ensino de português*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

CHAFE, Wallace L. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. Em: OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy; HILDYARD, Angela (Eds.). *Literacy, language and learning: the nature and consequences of reading*

and writing. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1985, p.105-123.

CHAGAS, Carmen Elena das. Cognição e texto: a coesão e a coerência textuais. *Ciências & Cognição*, vol.12, p. 214-218, dez. 2007.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O.; AQUINO, Zilda G.O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Metodologia de pesquisa em português falado. In: RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza et al (Orgs.). *I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 1999, p.109-119.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Trad. de Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A interação pela linguagem*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, Ingedore G. Villaça et al. Aspectos do procedimento de fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org). *Gramática do português falado: a ordem*. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 1990, vol.1.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. 5.ed. São Paulo: Ática, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. 7.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2010.

RODRIGUES, Ângela C. Souza. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. 7.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/ USP, 2010, p.13-32.

SILVA, Luiz Antônio. Monitoramento na conversação: a interferência do ouvinte. In: DIAS, Ana Rosa Ferreira et. al. (Orgs.). *Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino*. São Paulo: Cortez, 2001, p.128-154.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. *Rádio: oralidade mediatizada: o pote e os elementos da língua gemradiofônica*. São Paulo: Annablume, 1999.

Submissão: 30 de agosto de 2018

Aceite: 04 de novembro de 2018